



CRIANÇA AUTISTA E EDUCAÇÃO MUSICAL: estratégias pedagógicas e reflexões

Gleisson do Carmo Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
gleisson.educa@gmail.com

Brunna Emily de Lira Amorim

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
brunnalira521@gmail.com

Como citar este artigo?

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo; AMORIM, Brunna Emily de Lira. Criança autista e educação musical: estratégias pedagógicas e reflexões. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 10., 2023, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2023. Tema: Abordagens para um pensamento inclusivo: acessibilidade com equidade na prática musical. p. 22-31. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

RESUMO

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta habilidades de comunicação social e de comportamentos desde a primeira infância. Não possui cura, mas pode ser auxiliado por meio de diversas intervenções, incluindo aí, a Educação Musical Especial, área que trata do ensino e do aprendizado de música para pessoas com deficiência e que possui estratégias específicas de ensino, de acordo com o público atendido. Neste sentido, este trabalho, fruto de uma monografia de conclusão do curso de licenciatura em Música, teve como objetivo identificar estratégias da Educação Musical Especial para o trabalho com crianças autistas, por meio da busca por tais estratégias em literatura produzida por autores considerados referência na área e de uma investigação empírica, procedida por meio de 5 aulas ministradas pela pesquisadora, no contexto da Educação Musical Especial, para uma criança autista, avaliadas por meio de uma escala, a fim de verificar a eficácia das estratégias identificadas e aplicadas. As estratégias encontradas na literatura, tais como valer-se de rotinas e regras, organizar o ambiente eliminando fontes de distração, utilizar recursos concretos e visuais - do cotidiano do aluno, contar com um adulto colaborador, fornecer reforço positivo e ainda as estratégias propostas durante a pesquisa, como por exemplo, contação de história, aquecimento vocal, uso de canções de comando, uso de regência e associação de comandos gestuais com instruções verbais; foram eficazes no sentido de promover desenvolvimento musical e também geral no participante investigado. Este trabalho pode contribuir com a Educação Musical Especial ao apontar um leque de estratégias e reflexões que podem ser replicadas, aprimoradas e exploradas.

PALAVRAS-CHAVE

autismo; educação musical especial; estratégias pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Estudos atuais têm mostrado a importância da música, tanto do ponto de vista terapêutico (Musicoterapia), quanto do pedagógico (Educação Musical), para o desenvolvimento do autista de modo global. As experiências musicais, procedidas de forma sistemática, podem proporcionar benefícios à comunicação, à interação social, à cognição, às questões motoras e comportamentais (OLIVEIRA, 2020).

A Educação Musical Especial, modalidade utilizada pelo presente trabalho, pode ser definida como aquela área que trata do ensino e do aprendizado de música para pessoas com deficiência (OLIVEIRA, 2020), num ambiente organizado para tal e gerido por meio de técnicas específicas para as peculiaridades de cada deficiência. Pode ser entendida como uma oportunidade de acesso ao aprendizado musical, num formato que respeita as características únicas de cada sujeito (OLIVEIRA, 2020), em especial, dos que possuem alguma deficiência e que, por isso, podem apresentar desvantagens em relação às pessoas com desenvolvimento típico.

A Educação Musical Especial, enquanto área consolidada, possui estratégias de ensino próprias e direcionadas a públicos específicos. Entre as estratégias para o ensino de música para crianças com autismo, público alvo desta pesquisa, foram encontradas na literatura (HAMEL; HOURIGAN, 2011; 2013; Oliveira, 2020), cinco principais: (1) organizar o ambiente de aprendizagem musical, adequando o ambiente e as condições de ensino às peculiaridades das crianças autistas; (2) aproveitar os comprometimentos, tentando transformar possíveis dificuldades em pontes para o desenvolvimento de conhecimentos; (3) valer-se de um colaborador, podendo ser um familiar ou um profissional, que auxilie gerenciando os comportamentos dos alunos e ajudando-os sempre que preciso; (4) estabelecer regras, desenvolvendo, com isso, um ambiente previsível, menos ameaçador e dotado de uma certa rotina e (5) validar os resultados por meio de reforço positivo, elogiando e ressaltando as conquistas diárias dos alunos, tanto em termos comportamentais, quanto em termos acadêmicos.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa teve como objetivo geral identificar estratégias da Educação Musical Especial para o trabalho com crianças autistas, por meio da busca por tais estratégias em literatura produzida por autores considerados referência na área, com destaque para Hamel e Hourigan (2011; 2013) e Oliveira (2020), e de uma investigação empírica, procedida por meio de aulas ministradas (e auto-observadas) pela pesquisadora no contexto da Educação Musical Especial, para uma criança autista, aqui denominada pelo nome fictício de JP, que teve sua evolução aferida por meio da aplicação da Escala de Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo (Escala DEMUCA).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória, que por meio de suas técnicas possui a finalidade de proporcionar maior vínculo com o assunto, com vistas a torná-lo mais claro. Este é um tipo de pesquisa cujo objetivo principal é o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições por parte do pesquisador (GIL, 2002, p. 41). Possui planejamento flexível, podendo envolver, por exemplo, levantamento bibliográfico, realização de entrevistas, observação e aplicação de escalas (GIL, 2002), sendo que as duas últimas foram as técnicas utilizadas neste trabalho.

A primeira técnica, observação, consistiu na observação da própria prática pedagógica. Segundo Gil (2002), a observação é a primeira forma de observação do indivíduo com o mundo em que vive. Como coleta de dados, pode ser utilizada de forma exclusiva ou conjugada, caso desta pesquisa (conjugada com a aplicação de uma escala). Os dados de uma observação consistem em informações vistas, ouvidas ou sentidas diretamente pelo pesquisador, que são guiadas pelos objetivos do trabalho, que, por sua vez, são derivados da questão/problema (Gil, 2002).

Para tanto, foram ministradas cinco aulas de música (em formato de Educação Musical Especial), para uma turma composta por quatro crianças entre 3 e 4 anos, sendo três delas diagnosticadas com autismo (dois meninos e uma menina) e uma com TDAH - Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (uma menina). As aulas ocorreram entre os meses de outubro e dezembro de 2022, de forma semanal e com a duração de 60 minutos, todas ministradas pela autora e gravadas em vídeos para posterior análise. Apesar de a turma inteira ter sido

observada neste processo, houve um foco maior em um dos meninos autistas, aqui denominado como JP.

A segunda técnica, aplicação de escalas, consistiu na utilização da Escala DEMUCA (Escala do Desenvolvimento Musical de Crianças com Autismo). Um instrumento brasileiro (OLIVEIRA, 2020), simples e objetivo, validado, passível de ser utilizado por educadores musicais e musicoterapeutas, capaz de avaliar o desenvolvimento musical e geral da criança autista a partir de intervenções musicais (OLIVEIRA, 2020). O instrumento possui seis categorias: (1) Comportamentos restritivos, (2) Interação social-Cognição, (3) Percepção Exploração Rítmica, (4) Percepção Exploração Sonora, (5) Exploração Vocal e (6) Movimentação Corporal com a música (Oliveira, 2020). Cada categoria possui padrões, aferidos quantitativamente em "zero", "um" ou "dois" pontos, com peso 1 ou 2, dependendo do padrão.

3 RESULTADOS

JP, no início da intervenção, tinha 6 anos e havia sido diagnosticado no ano de 2020. Fazia acompanhamento com fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, terapeuta comportamental (ABA) como intervenções, para além da Educação Musical Especial. No início do processo (final de outubro), JP era retraído, não interagiu muito com a pesquisadora/professora e nem sempre respondia aos seus comandos, mas interagiu com a mãe, que inclusive esteve presente em todos os encontros. JP ouvia todos os comandos, mas reagia aos mesmos com a sua mãe. Já no final do processo (início de dezembro), JP estava bem diferente, positivamente, participava com a professora e os colegas, interagiu na roda, brincava, cantava e ouvia os comandos e no tempo dele eu fornecia uma resposta.

As aulas de música foram organizadas da seguinte forma: no início das aulas a professora cantava uma música para abrir a roda e convidar as crianças para o início da aula, e, em seguida, cantava uma música de acolhimento para dar bom dia, emendando, logo após a um aquecimento vocal. Posteriormente, havia um momento destinado a alguma música de movimentação corporal e, em seguida, a uma atividade de pintura ou decorrente de alguma história. Nesta parte, a docente propunha o momento do silêncio, em que aproveitava para abordar a relação som/silêncio numa brincadeira que estivesse ligada ao que tinha sido tratado na

aula. Por fim, a pesquisadora finalizava a aula com uma música de despedida. Vale ressaltar que o tempo de resposta de cada criança foi considerado e respeitado, bem como seus comportamentos adequados estimulados por meio de reforço positivo verbal.

As aulas seguiram, na medida do possível, uma rotina e tiveram também algumas regras pré-determinadas. Houve sempre a presença de um adulto colaborador e foram utilizados materiais concretos para aproximar o conteúdo musical da realidade dos alunos. A sala sempre foi organizada para o dia, com seleção dos materiais a serem utilizados, no intuito de evitar distrações.

Para a avaliação do desenvolvimento musical de JP, foi convidado um educador musical com experiência comprovada em Educação Musical Inclusiva e ensino de música para crianças com autismo, que procedeu a avaliação por meio de excertos de vídeos da aula inicial e final de JP. Em linhas gerais, por meio da Escala DEMUCA, aplicada no início (aula 1) e no final (aula 5) do processo, ficou perceptível que JP desenvolveu, mesmo no curto espaço de 6 semanas, um considerável desenvolvimento musical e também geral.

Houve uma redução dos comportamentos restritivos, tais como estereotípias, desinteresse, passividade e reclusão, tendo, nesta categoria, JP evoluído da pontuação 10, no início, para 14, no final. Também houve desenvolvimento no âmbito das interações sociais e da cognição, com aprimoramento das habilidades de comunicação verbal, interação com a educadora e com os pares e de imitação. Nesta categoria, JP evoluiu da pontuação 6, no início, para 12, no final. As duas primeiras categorias da Escala DEMUCA atestaram, portanto, desenvolvimento adquirido em termos gerais.

Já em termos musicais, houve desenvolvimento das habilidades de Percepção e Exploração Rítmica e Sonora, com melhora da capacidade de regulação temporal, de reconhecimento de andamentos, de percepção da relação som/silêncio, de execução e reconhecimento de diferentes timbres e planos de altura. Na categoria Percepção Exploração Rítmica houve um salto de 1 para 5 pontos, do início para o fim do processo, e na categoria Percepção Exploração Sonora houve um salto de 5 para 8 pontos.

Ainda em termos musicais, houve desenvolvimento de habilidades vocais e de movimentação corporal. Na categoria Exploração Vocal, ficou perceptível o desenvolvimento de vocalizações, tendo JP obtido nenhum ponto no início e 1 ponto

no final e, na categoria Movimentação Corporal com a Música, ficou visível o desenvolvimento das habilidades de andar, correr e parar com a música, tendo JP obtido nenhum ponto no início e 6 pontos no final.

Visto isso, ficou evidente, primeiramente, que a Educação Musical Especial, de fato, proporciona diversos benefícios ao autista, como já descrito pela literatura (OLIVEIRA, 2020, 2015, 2013; LOURO, 2006). Por meio da aplicação da Escala DEMUCA foi possível comprovar, mesmo no curto espaço de tempo de 6 semanas, um significativo desenvolvimento musical e também geral de JP, a partir das aulas de música, fato que reforça a presença de benefícios gerais oriundos da Educação Musical Especial, mesmo este não sendo o seu objetivo primário (LOURO, 2006; OLIVEIRA, 2020).

As estratégias encontradas na literatura (OLIVEIRA, 2020; LOURO, 2006; HAMEL; HOURIGAN, 2013; 2011) e testadas durante as aulas ministradas mostraram-se realmente eficazes, uma vez que foi confirmado, por meio da Escala DEMUCA, um progresso por parte de JP em todos os aspectos avaliados. Logo, é possível afirmar que valer-se de rotinas e regras, organizar o ambiente eliminando fontes de distração, utilizar recursos concretos e visuais - do cotidiano do aluno, contar com um adulto colaborador, fornecer reforço positivo são, provavelmente, de fato eficientes. Além destas estratégias, já dispostas na literatura, outras propostas pela pesquisadora podem ter sido benéficas, tais como contação de história, aquecimento vocal, uso de canções de comando e uso de regência - associação de comandos gestuais com instruções verbais.

Como descrito anteriormente, as aulas seguiram a seguinte rotina: (1) início com uma música de acolhimento, para abrir a roda e para que JP entendesse que aquele era o momento em que iria começar a aula; (2) aquecimento vocal, momento esse em que a turma se preparava para cantar durante o tempo em que estaria junta; (3) atividade de corpo e movimento; (4) contação de história com uma brincadeira musical associada; (5) música de despedida, para anunciar o fim do encontro. Todas as aulas seguiram essa rotina que, provavelmente, contribuiu para que JP se sentisse mais seguro, com o ambiente e com as pessoas ao seu redor, como descreve Hamel e Hourigan (2013).

Vale ressaltar que, mesmo com um planejamento consistente e com a adesão à determinada rotina, foi importante respeitar o tempo de JP e não forçar a sua inserção na atividade proposta, deixando-o à vontade e seguro para executar a

atividade no seu momento, o que vai de encontro com o conceito de Educação Musical Especial, proposto por Oliveira (2020) quando afirma que ela constitui uma oportunidade de acesso ao aprendizado musical, num formato que respeita as características únicas de cada sujeito. Inclusive, sobre isso, também foi considerado o repertório de preferência do aluno, no sentido de facilitar o engajamento deste durante a aula.

A organização do ambiente destinado à aprendizagem musical, como proposto por Hamel e Hourigan (2013) apud Oliveira (2020, p. 25), no sentido de controlar a quantidade de alunos, para um contato mais próximo, bem como uso de um ambiente menor, com uma duração de tempo confortável foram importantes para que JP se sentisse confortável e disposto a participar. Neste sentido, para além dos fatores de organização dos encontros e do ambiente mencionados, foi relevante a presença da mãe nos encontros, pois tal fato permitiu uma aproximação mais rápida da pesquisadora com JP, além de ter funcionado como uma colaboradora em todo o tempo, como sugerem Hamel e Hourigan (2013) apud Oliveira (2020, p. 26).

Em relação às estratégias desenvolvidas pela própria pesquisadora (contação de história, aquecimento vocal, uso de canções de comando e uso de regência - associação de comandos gestuais com instruções verbais), certa forma condizem com o perfil do autista de demandar por uma linguagem mais concreta, com introdução de conteúdos por vias sensoriais e concretas, antes da passagem para o teor abstrato/conceitual, como proposto por Oliveira (2020) e, talvez por isso, tenham também contribuído para o progresso percebido em JP.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral identificar possíveis estratégias pedagógicas da Educação Musical Especial capazes de promover o desenvolvimento musical da criança autista.

Os resultados obtidos, por meio das aulas ministradas e da escala DEMUCA aplicada, mostraram que as estratégias encontradas na literatura, tais como valer-se de rotinas e regras, organizar o ambiente eliminando fontes de distração, utilizar recursos concretos e visuais - do cotidiano do aluno, contar com um adulto colaborador e fornecer reforço positivo, bem como as estratégias propostas durante

a pesquisa, como por exemplo, contação de história, aquecimento vocal, uso de canções de comando e uso de regência - associação de comandos gestuais com instruções verbais, foram eficazes no sentido de promover desenvolvimento musical e também geral no participante investigado.

Os resultados encontrados não podem ser generalizados, tendo em vista a pequena população estudada (um indivíduo), mas abrem portas para que novos estudos identifiquem, testem e proponham novas estratégias para a Educação Musical de crianças autistas, fato que aponta para um não encerramento da presente pesquisa por aqui, que certamente pode ser ampliada por meio de pesquisas futuras e pelo aprofundamento em estudos do tipo longitudinal e com um número maior de investigados.

Acreditamos que esse trabalho pode contribuir com os Educadores Musicais que atuam com crianças autistas e também com a Educação Musical Especial e/ou Inclusiva, ao trazer um leque de estratégias que podem ser replicadas, bem como reflexões acerca de suas aplicações. Além disso, essa pesquisa também contribui com a população autista, que pode se beneficiar das estratégias elencadas pelo trabalho, com possíveis reflexos na sociedade, em geral.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GATTINO, G. S. **A influência do tratamento musicoterapêutico na comunicação de crianças com transtornos do espectro autista**. 2009.119 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HAMEL, A. M., HOURIGAN, R. M. **Teaching music to student with autism**. Estados Unidos: Oxford, 2013.

HAMEL, A. M., HOURIGAN, R. M. **Teaching music to students with special needs**. Estados Unidos: Oxford, 2011.

LOURO, V. dos S. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. Viviane dos Santos Louro, Luís Garcia Alonso, Alex Ferreira de Andrade. São José dos Campos, SP: Ed. do Autor, 2006.

OLIVEIRA, G. C. **Criança autista e Educação Musical**: um estudo exploratório. Monografia (Licenciatura em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

OLIVEIRA, G. C. **Desenvolvimento musical de crianças autistas em diferentes contextos de aprendizagem**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

OLIVEIRA, G. C. **Relações entre a Educação Musical Especial e o desenvolvimento da comunicação social em crianças autistas**. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.